

CONCURSO LITERÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS
E PENSIONISTAS DA CODEVASF
“VIDA NOVA”

“Cabrobó – uma aventura”

Anoushe Duarte Silveira

(Felicidade)

Eu havia acabado de entrar na Codevasf, cheia de planos e expectativas, e tive a oportunidade de vivenciar uma experiência única. Precisei deixar de lado minha visão burocrática de jornalista de Brasília para enxergar um novo universo, ainda desconhecido, rico em realidade e, paradoxalmente, em fantasia. Achei que estaria cumprindo apenas mais uma rotina de trabalho e acabou sendo inesquecível...

Como estava dizendo, eu tinha apenas um ano de Codevasf. Havia ingressado na Empresa em 2004, perfeita novata. No mesmo concurso, ingressou também Antônio: o fotógrafo Antônio.

Ele era o que todos tipicamente classificariam de “o chato”. Para quem não trabalha com um exemplar dessa categoria, “o chato” é aquele cara que quase sempre chega atrasado, principalmente no dia em que o chefe já avisou que haveria uma reunião. Ocupa a linha de telefone, quase sempre aos berros, contando todo o “glamour” de sua vida: fala sobre a viagem que vai fazer à Miami, todas as muambas que trará, conta suas peripécias sexuais do último fim de semana, inclusive os detalhes mais sórdidos. É aquele que nunca contribui com o lanche, mas em toda festinha faz sempre um pratinho extra para levar - a famosa “quentinha”. É também aquele que presta atenção nas conversas do colega, ainda que notadamente esteja falando baixo para que ninguém o ouça, e ainda faz comentários ao final.

Bem, o fato é que numa certa segunda-feira em que eu já estava chegando de ressaca no trabalho, meu chefe me chamou para uma conversa.

- Dona Clara, preciso que a senhora vá cobrir uma visita do nosso presidente a Cabrobó, Sertão pernambucano.
- Como???
- Isso mesmo. Será amanhã, às cinco da tarde. Portanto, vocês terão de ir no nosso avião particular...

- Vocês? Quem vai comigo?
- O Antônio. Eu sei que quem está acostumado a fazer esse tipo de viagem é o André, mas ele teve um imprevisto. Então tive de colocar o Antônio...
- Perfeitamente, chefe – respondi imediatamente. E alguém já viu novato questionar algo???
- Vocês terão de se apresentar nos hangares do aeroporto de onde parte o avião. Não é difícil de achar, basta perguntar aos funcionários que eles sabem.
- Ok. E a que horas?
- Bem, o avião partirá às 7h30 da manhã. Fará um pouso para abastecer em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e seguirá para Petrolina. Vocês devem chegar por lá no fim da manhã. De lá, seguem de carro até Cabrobó, no Sertão de Pernambuco. A reunião será na ilha de Assunção, habitada pela tribo Truká.
- E qual é a pauta? - perguntei.
- Bem, o ministro da Integração Nacional vai se reunir para ouvir reivindicações do chefe da tribo Truká. O nosso presidente estará presente. Já entrei em contato com os jornalistas da região e eles devem cobrir o evento.
- Perfeitamente – respondi.

Na verdade não estava tudo perfeito. Eu tinha apenas algumas horas para entender tudo de Cabrobó e tribo Truká e ainda iria viajar com a pessoa mais chata da Empresa. Para começar a resolver meus problemas, fui buscar algumas informações sobre a região. Descobri que o nome Cabrobó é de origem indígena e significa "árvore ou mato de urubus". Vem de "caa" - árvore e "orobó" – urubu. O povoamento de Cabrobó teve início na metade do século XVIII, em torno de uma aldeia de índios. Extraoficialmente me contaram que existem muitos conflitos na região. Embora habitem terras demarcadas, os indígenas enfrentaram, na década de 90 do século passado, um

longo processo de retomada de terras ocupadas por fazendeiros. Disseram-me ainda que a região faz parte do “Polígono da Maconha”. Não tive muito tempo para pesquisar mais.

Então, eis que chega Antônio, saindo da sala do chefe, todo empolgado porque iria viajar comigo. Quase fiquei desesperada...

– Clara, soube da boa notícia??

Boa, para quem, pensei... E respondi com um sorriso amarelo.

– Soube, Antônio... vamos viajar juntos, não é?

E como todo bom chato que se preze, já me pediu de cara uma carona até o aeroporto.

No dia seguinte, antes das sete da manhã, estava eu na porta da casa de Antônio, que fica, por sinal, do lado oposto ao aeroporto e da minha casa.

– Bom dia - disse ele.

– Bom dia - respondi.

E seguimos para o aeroporto. Antônio estava mais inquieto do que o normal... falava muito, gesticulava o tempo todo e nitidamente estava suando frio. Dava para notar pela camisa um pouco molhada.

– Você está bem? - perguntei.

– Só um pouco ansioso. - ele respondeu.

Seguimos em direção ao aeroporto. Estacionei o carro e me informei com um funcionário onde pegaríamos o avião. Andamos em direção ao local indicado e lá estava o piloto à nossa espera.

– Vocês são nossos passageiros? - perguntou o piloto.

– Sim – respondi. Antônio, repentinamente, ficou mudo.

Quando eu vi o tamanho do avião, comecei a desconfiar da possível preocupação de Antônio. Cabiam apenas quatro passageiros, com bancos voltados um para o outro de

uma maneira que, ao se sentar, os joelhos quase podiam se tocar. O teto ficava na altura da cabeça, com o passageiro sentado.

Percebi que Antônio suava cada vez mais... Foi então que resolvi perguntar:

- Algum problema?
- Você pode se afastar um pouquinho pra gente conversar? - respondeu Antônio.
- Claro! - eu disse.
- Eu tenho fobia a lugar fechado...
- Como?
- Medo, paúra, PÂNICO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! - entendeu?
- E você vem me dizer isso agora????
- Eu não podia decepcionar o chefe, não é??? Afinal, eu sou novato, você sabe como é...
- Bem, agora não há outra saída. Você vai ter que entrar nesse avião.
- Não posso, olha só... já estou começando a suar frio...
- Mas o evento é hoje... E o tempo está correndo... Se você não entrar, vou ter que ir sozinha...
- Clara, me ajuda... segura na minha mão... por favor!!!!

Nós, mulheres, tão compassivas... Depois de meia hora de conversa e, conquentemente, meia hora de atraso... lá estava eu, segurando a mão de Antônio para que ele pudesse se acalmar. Cada solavanco que o avião dava era um grito de desespero...

- Meu Deus... esse avião vai cair!!!!!! , dizia Antônio. E rapidamente ele apertava a minha mão e recomeçava a rezar.

Quando o avião desceu em Bom Jesus da Lapa, antes mesmo de parar, ele já estava tentando desesperadamente abrir a porta. O piloto, que até então estava calado,

totalmente avesso ao sofrimento de Antônio, teve de interferir.

- Meu senhor, o avião está em movimento. O senhor quer por favor recolocar o cinto de segurança???

Eu imaginei que teria problemas com Antônio, mas nunca pensei que seria logo no primeiro momento da viagem.

Bem, paramos no aeroporto de Bom Jesus da Lapa. Estava totalmente vazio. Havia apenas um bar, muito simples, onde pudemos comprar uma água. Fazia um calor de matar. Tive curiosidade de conhecer o famoso Santuário do município. O Santuário funciona numa gruta de pedra descoberta há mais de 350 anos pelo português Francisco Mendonsa Mar, pintor e artista plástico. Atualmente, a gruta é famosa pelo turismo religioso, principalmente nas festas do Senhor Bom Jesus, de 28 de julho a 6 de agosto. Além do túmulo do sacerdote e de uma réplica de seu crucifixo, a gruta abriga milhões de ex-votos trazidos pelos peregrinos.

Depois eu pensei que, ainda que houvesse tempo, fazer turismo com Antônio seria a última coisa que eu desejava. Fiquei imaginando ele aos berros dentro da gruta, de joelhos, pedindo ao Senhor Bom Jesus um pouco de ar... definitivamente: NÃO!!!!!!

O piloto abasteceu o avião e seguimos para Petrolina. A essa altura Antônio estava um pouco mais calmo. Notava-se sua cara de pânico apenas nos momentos em que o avião chacoalhava. Tudo bem, até porque eu mesma ficava um pouco tensa.

Após mais duas horas de viagem, o avião aterrizou em Petrolina. A cara de alívio de Antônio era perceptível e não só a dele - naquele momento dava pra notar também a cara de felicidade do piloto em saber que só nos veria no dia seguinte. Afinal, viajar com alguém em pânico durante aproximadamente quatro horas é tenso até mesmo para o mais experiente dos pilotos.

Lúcio, o jornalista de Petrolina já estava a nossa espera no aeroporto. Muito

simpático, ele se ofereceu para levar-nos a um restaurante de comida a quilo, para economizar tempo, e de lá já seguir viagem. Afinal, ainda tínhamos cerca de duas horas de estrada até chegar a Cabrobó.

Foi então que “a pessoa” deu mais uma de suas ideias inconvenientes.

- Eu nunca estive em Petrolina. Acho que a gente deveria conhecer a cidade antes de partirmos – sugeriu Antônio.
- Eu adoraria mostrar a cidade a vocês, mas só quando voltarmos. Hoje o tempo que temos não será suficiente – disse Lúcio.
- Mas acontece que o nosso avião sai amanhã de manhã, bem cedo. Não haverá outra oportunidade.
- Me diga uma coisa... Em quanto tempo chegamos a Cabrobó? - insistiu Antônio.
- Se tudo correr bem, por volta de duas horas... mas talvez vocês precisem de um tempo lá para situar-se. Além disso, os jornalistas já devem estar no local à espera do ministro. - contestou Lúcio já começando a demonstrar impaciência.
- Realmente precisamos chegar mais cedo para marcarmos entrevistas com o presidente. Não vai dar tempo, deixa essa visita para outra oportunidade. - disse eu, incisiva.
- Mas gente! Não vamos levar mais do que meia hora, por favor! A gente come só um sanduíche, em vez de almoçar. O que vocês acham?
- Antônio, entenda bem, o Lúcio não é nosso guia turístico e, além disso, estamos aqui a trabalho.
- Mas não custa nada a ele e eu já ouvi falar muito da receptividade dos nordestinos...
- Vamos fazer o seguinte. Vou dar uma volta com vocês e comemos um sanduíche no caminho. Uma volta rápida, pode ser? - sugeriu Lúcio.

- Eu sou contra.
- Larga de ser chata, Clara. Bora conhecer Petrolina!!!!

O resultado do impasse foi que Lúcio ficou sem graça e acabou nos levando para conhecer a cidade. Deu uma volta de carro pela orla e Antônio quis parar para tomar uma água-de-coco. Depois nos mostrou o bodódromo. Ele nos informou que à noite acontecem shows musicais nos quiosques e lanchonetes enquanto as pessoas se deliciam com a tradicional carne de bode, prato típico local. Durante o passeio, falou da Ana das Carrancas e sua produção artesanal, da Ilha do Rodeadouro, com areias finas e douradas, diversas barracas, com som ao vivo nos finais de semana e o tradicional peixe ribeirinho, o surubim, feito na brasa. Aí Antônio ficou louco, logo queria conhecer, mas Lúcio explicou que não daria tempo.

Passamos pela Catedral da cidade, construída em estilo neogótico, com vitrais franceses. Lúcio também falou um pouco sobre as famosas vinícolas, onde são produzidos deliciosos vinhos, e do emprego de avançadas técnicas de agricultura irrigada, utilizando-se as águas do São Francisco. Também passamos pela ponte que liga Petrolina, em Pernambuco, a Juazeiro, na Bahia. Antônio fez questão de tirar um monte de fotos. Para nosso desespero, já que estávamos com as horas contadas...

Quando nos demos conta, já eram quase duas horas da tarde. Compramos sanduíches e Lúcio pediu ao motorista que abastecesse e seguíssemos direto a Cabrobó. Com muita sorte chegaríamos por volta das quatro da tarde, ou seja, em cima da hora para o nosso compromisso. Eu já queria “matar” Antônio ...

O percurso para Cabrobó começou bem. Aparentemente estávamos todos tranquilos... Antônio não parava de falar, mas eu comecei a repetir meu “mantra da paciência”, respirando muito profundamente, e até consegui conter meus impulsos de tapar a sua boca.

O motorista, que até então estava calado, começou a fazer algumas observações sobre o caminho.

- Vocês devem estar notando que estou dirigindo um pouco acima da velocidade, não é? - perguntou o motorista.
 - Na verdade, um pouco sim... o senhor pode reduzir a velocidade, estamos com pressa, mas precisamos chegar vivos. - brinquei, com o último resquício de humor que me restava.
 - Não dá pra reduzir, essa estrada é muito perigosa!
 - Perigosa? - perguntou Antônio, que já estava escorado no banco de trás e quase deixando a cabeça cair em meu ombro.
 - Muito perigosa... já perdi as contas de quantas pessoas foram assaltadas nessa estrada. Eles costumam montar um emboscada para forçar o carro a parar. Quando paramos, eles colocam todos pra fora e levam tudo. Algumas vezes estupram as mulheres...
 - Meu Deus, é verdade?!!! - disse espantada e já com um frio na barriga.
 - Juro pra senhora. Outro dia mesmo eu vinha com duas autoridades da Codevasf. Lá de Brasília. Vi esse povo afiná a voz quando parei numa emboscada. Mandaram todo mundo sair do carro e tirar toda a roupa.
 - Sei... e o que aconteceu? - interrompeu Antônio.
- E o motorista continuou acelerando e narrando a história.
- Então... puseram todo mundo pra correr. “Corre sem olhar pra trás!!!!” foi o que eles disseram. A gente correu foi muito, viu? Teve um lá que correu tanto que acho que tá correndo até hoje e já deve estar chegando a Brasília. - disse com um tom irônico.
 - E isso acontece em plena luz do dia? - perguntei??

- E não foi de dia que isso aconteceu? Tem dessa não, de dia, de noite, de madrugada... o pessoal é abusado.
- Será que pode acontecer com a gente? - perguntou Antônio.
- Gente, calma, não é assim também – intercedeu Lúcio, tentando nos tranquilizar.

Nessa hora o motorista levantou as sobrancelhas e fez aquela cara de “posso até me calar, mas que acontece, acontece...”.

Ficou mais um tempo calado e recomeçou...

- Tá vendo aquela cerca ali?

Antônio - que já havia voltado para seu estado de inércia - arregalou os olhos pra enxergar melhor a tal da cerca.

- Uma vez, num assalto desses, penduraram três ali.

E assim foi a viagem inteira. Duas horas de martírio total... o motorista parava um pouco e logo se lembrava de alguém que foi assaltado naquela estrada. E quando enfim chegamos à cidade, ele foi enfático:

- Não se atrasem... temos de sair daqui no máximo cinco e meia porque se passar dessa hora só amanhã. Eu não me arrisco a dirigir nessa estrada durante a noite.

Nos aproximamos do local onde seria a reunião entre o ministro e os índios Truká. Haviam montado uma enorme tenda, com telhado de palha. Organizaram tudo como se fosse um auditório. Na frente, havia a mesa principal, com microfones e lugares marcados para as autoridades e as cadeiras estavam dispostas em fileiras para receber o público. Pouco a pouco, iam chegando os índios da tribo. Muitos, já aculturados, vestiam calças jeans, camisa e tênis. Outros compareciam com vestimentas indígenas. Enfim, o local ia lotando.

Fui prontamente começar a trabalhar. Conversei com os jornalistas que já estavam a nossa espera e agendei algumas entrevistas para o nosso presidente. Enquanto isso,

Antônio estava por ali tirando fotos... A movimentação foi ficando mais intensa. O local já estava quase lotado e nada das autoridades. Mais policiais chegaram ao local – policiais federais.

- Deve ser por causa do ministro - pensei.

Lúcio foi para outro local ajudar no cerimonial, então o perdi de vista. De repente, começou uma movimentação que vinha de fora do auditório. Saí apressada e avistei um helicóptero chegando. Era o ministro, o presidente da Codevasf e outras autoridades. Fui correndo atrás de Antônio. E quem disse que eu achava Antônio. Iríamos perder a foto, com certeza, porque o helicóptero já estava quase aterrizado. Saí perguntando por ele e o avistei quase na saída, trocando telefones com jornalistas da região. Pensei em um monte de desaforos pra dizer mas não daria tempo.

- Antônio, o ministro chegou!!! Você vai perder a foto!!!! - gritei.

Ele saiu correndo, com o equipamento pendurado, até o local onde estavam descendo as autoridades. O cacique veio receber as autoridades e logo outros índios se juntaram a ele. Antônio foi buscando espaço entre uma pessoa e outra, e eu, “no vácuo”, o seguindo. Mas logo o perdi de vista. O movimento que ia no sentido do helicóptero logo se inverteu. Não consegui ver, mas deu pra perceber que as autoridades agora iam em direção ao auditório improvisado. Mesmo que eu tivesse a máquina fotográfica mais moderna que existe não conseguiria tirar uma foto decente daquela distância. Logo imaginei que Antônio havia perdido a foto. O fotógrafo passa por um sufoco daqueles em um avião, durante quatro horas, só para tirar uma foto e perde? Vindo do Antônio, tudo era de se esperar.

Quando as pessoas passaram por mim e eu pude enxergar o local melhor, tive que “pagar com a língua”, como dizem. Lá estava Antônio, em cima de uma árvore, com o melhor ângulo da foto. Eu tive que “me recolher à minha insignificância” e ficar calada.

Ele desceu, se gabando da grandiosa ideia, e fomos para a reunião. O cacique da tribo já estava discursando e cobrando soluções para os problemas da região de uma maneira inflamada. Enquanto isso, um grupo de jornalistas se aproximou. Junto a eles estava um rapaz negro, meio tímido, com ar de quem estava meio por fora do que estava acontecendo. Os jornalistas logo se apresentaram: dois estavam representando a imprensa escrita de Petrolina, outros dois eram de rádios de Juazeiro e o quinto disse que trabalhava para um site. Eles já haviam conseguido conversar com o ministro antes de iniciar a reunião e queriam entrevistar também o presidente da Codevasf. Em seguida, um dos jornalistas apresentou o rapaz tímido.

- Esse é Estevão, ele é de Moçambique e está aqui visitando as vinícolas. Fizemos uma visita antes de vir para a reunião e ele se interessou em nos acompanhar para conhecer a região.- disse o jornalista.
 - Muito prazer em conhecê-los. - respondeu Estevão. - Vocês são daqui?
 - Não, somos de Brasília – respondi.
 - Já conhecem as vinícolas? Fiquei impressionado! Como, de um clima tão seco, pode-se produzir tantas uvas e um vinho tão saboroso!!! - acrescentou Estevão.
 - Você está há muito tempo no Brasil? Fala português tão bem! - exclamou Antônio.
- Eu dei um beliscão discreto em Antônio e cochichei em seu ouvido:
- É a língua dele...

Todos fizeram “cara de paisagem”, tentando ignorar a pergunta. Foram delicados para que Antônio não se sentisse embaraçado.

Após o discurso do cacique, seguiram os discursos do ministro, do presidente da Codevasf e de autoridades da região. Eu me aproximei do presidente da Codevasf e o informei da solicitação de entrevista. Ao final da reunião, o levei até os jornalistas e ele concedeu uma breve entrevista. Tudo, aparentemente, havia ocorrido como previsto.

Saíram da mesma maneira que chegaram, acompanhados pela multidão. E nessa... perdi Antônio de vista, novamente...

Já eram cinco e vinte. E nada de Antônio. Fui para o local onde havíamos combinado com o motorista, que já estava impaciente. Lúcio também estava lá.

- Dona, eu não sou pago pra ficar arriscando minha vida e dirigindo à noite nessas estradas perigosas não... Vou dizer pra senhora... deu cinco e meia, vou embora. E se eu fosse vocês viriam comigo...
- Calma! Ainda faltam dez minutos.

O local foi esvaziando.... o dia acabando... E nada de Antônio. Fui começando a me desesperar. Eu comentei com o motorista, até pra distraí-lo do horário, que o local estava esvaziando muito rápido e as pessoas iam todas para a mesma direção.

- Sabe o que é... agora começa a festa aqui na ilha – explicou.
- Festa! - exclamei
- Isso mesmo, hoje tem uma festa típica do povo Truká.
- Como você sabe?
- Eu estou acostumado a vir para essa região. E, além disso, namorei com uma índia daqui. Até vim a uma dessas festas. Eles dançam o *toré*¹, num terreiro marcado por uma cruz, onde apenas o cacique veste trajes mais elaborados, feitos da fibra de caroá². Os demais participantes usam sobre as roupas, um pequeno saiote feitos da mesma fibra e na cabeça um enfeite de penas. Para acompanhar os cânticos utilizam maracás feitos de cabaças³.
- Nossa, deve ser bem interessante – eu disse.
- Ouça, já podemos ouvir os cânticos – exclamou o motorista.

¹ A Dança do Toré é sagrada entre diversos povos indígenas do nordeste do Brasil – representam o caminho para despertar a consciência cósmica para a paz. Além disso, é símbolo da resistência indígena no Nordeste, unindo as tribos.

² Bromélia típica da região Nordeste da qual se aproveita principalmente as fibras.

³ Os maracás são instrumentos de percussão de uso nos rituais. São feitos de frutas da cuieira de tamanho pequeno.

- E esses tiros, fazem parte? – perguntei.

Os tiros não faziam parte da festa, eram verdadeiros... O tumulto começou. Ouvia-se gritos e as pessoas começaram a correr para fugir do local da festa. Nós também começamos a correr tentando nos afastar de onde vieram os tiros, acompanhando a multidão. Foi então que me perdi do motorista e de Lúcio. E quando comecei a perceber que não corria mais risco de morte, me dei conta de que havia esquecido a bolsa dentro do carro. Aí sim, entrei verdadeiramente em pânico. Estava numa cidade desconhecida, sozinha, sem dinheiro e condução, numa terra de índio, vivendo um verdadeiro PROGRAMA DE ÍNDIO!!!

- Calma!!! - pensei, enquanto tentava me concentrar no que fazia dali pra frente.

Sentei-me no meio-fio, coloquei o rosto entre as mãos e não consegui conter uma lágrima de desespero que escorregou por minhas bochechas. Foi quando senti as mão de alguém sobre meus ombros. Me virei espantada e mais espantada fiquei quando vi que era Antônio. Pela primeira vez senti felicidade ao vê-lo. Quase o abracei... A euforia durou o tempo de eu me lembrar que estava ali tão somente porque ele havia se atrasado.

- Onde você estava, Antônio?????!!!! - gritei.
- Schiiiiiii.... - ele levou o dedo à boca meio desconcertado, com um ar de quem havia bebido durante horas...
- Antônio!!!! - falei mais alto ainda. O que aconteceu contigo, homem????

Ele se sentou no meio-fio ao meu lado. Ficou uns cinco minutos olhando para o horizonte e começou:

- Eu fui pra dentro do rio...
- Qual rio, Antônio???
- O Velho Chico...

Eu fiquei imaginando como, em pouco mais de uma hora, aquele homem havia

conseguido se embriagar daquela maneira.

- Me encontrei com ela... ela é linda!!!!
- Com ela quem, criatura, o que você bebeu?
- Ela é linda... a sereia é linda...
- Que sereia, tá doido???
- A mãe d'Água...⁴
- Mãe de quem???
- Ela mora no rio... eu a vi... penteando seus longos cabelos. Sentada na proa de um barco. O rio estava dormindo... tudo parado... os peixes... todas as criaturas...
- Antônio... me diz, Antônio... o que você bebeu????
- O rio parou de correr. Eu vi... vi pescadores que haviam morrido seguindo para as estrelas. Eles saiam do fundo do rio.
- Antônio, vem comigo.
- Eu vi... eu vi.

Eu me cansei de perguntar e não receber uma resposta com um mínimo de sequência lógica. Imagina, nossa conversa estava parecendo coisa de maluco! Agarrei Antônio pelo braço e fui procurar um local onde pudéssemos dormir, ou, ao menos, telefonar para algum lugar. Como estávamos sem documento – sim, Antônio a essa altura nem com o equipamento de fotografia estava mais – não conseguiríamos dar entrada no hotel.

Encontrei um bar aberto e me informei sobre algum hotel de onde pudesse fazer uma ligação e quem sabe me hospedar, pois, com a minha sorte, encontrar Lúcio ou o motorista seria realmente quase impossível. O homem respondeu:

4 Lenda da região. É uma espécie de sereia, que vive no rio São Francisco. Todas as noites, à meia-noite, o rio dorme e permanece adormecido por dois ou três minutos. Nesse momento, o rio para de correr e suas cachoeiras param de cair. Os peixes deitam-se no fundo do leito do rio e as cobras perdem o veneno. É neste intervalo de tempo que a Mãe-d'Água vem à superfície, procurando uma canoa para nela sentar e pentear seus cabelos. É também nessa hora que as pessoas que morreram afogadas saem do fundo das águas e seguem para as estrelas.

- Olha dona, hotel não tem aqui, não. A dona Sebastiana costuma alugar umas redes pro pessoal que precisa pernoitar na região. Mas se a senhora precisa ligar, tem o orelhão ali – disse apontando.

Olhei as horas e passava um pouco das sete. Eu precisava ligar para a Codevasf de Petrolina ou Juazeiro e ter a sorte de, além de alguém atender o telefone, ainda aceitar a chamada a cobrar. Antônio, que estava momentaneamente calado, recomeçou.

- Vem comigo, vem comigo.
- Quer ficar calado, Antônio!!!! - gritei. Não vê que tudo isso está acontecendo por irresponsabilidades sua? Se tivesse chegado na hora, já estaríamos em nosso hotel em Petrolina, de banho tomado, dormindo. E agora estamos aqui... sem saber nem como vamos fazer pra dormir, quanto mais pra voltar a Petrolina. Sem contar que, quando voltarmos a Brasília, provavelmente seremos demitidos... Você não tem mais a foto do presidente, perdeu o equipamento e ainda vamos perder o voo amanhã. E, taí, todo embriagado...
- Senhora!

Senti alguém novamente me tocando pelas costas. Quando me virei era um policial.

- Graças a Deus! - exclamei.
- Senhora, preciso que vocês me acompanhem.

Aí, realmente entrei em desespero. Comecei a acompanhá-lo já imaginando a cena de eu ligando para meus pais os informando de que iria dormir na delegacia de Cabrobó, se é que lá existe delegacia. Minha mãe teria um infarte, coitada, meu pai, nem se fala! Ao menos seria um lugar pra dormir... e fui me perdendo em meus pensamentos até que chegamos perto de uma viatura, onde estavam mais três policias que me trouxeram à tona.

- Boa noite, senhora. Esse senhor é seu conhecido?

Senhor? - pensei. Bem, o que sobrou de uma pessoa, o resto da bagaceira estava realmente sim, ali, com os olhos esbugalhados e perdidos no horizonte...

– Sim, senhor. Ele está comigo sim. É meu colega de trabalho. Fotógrafo de Brasília. Pode dizer logo de que estamos sendo acusados????

– Bem senhora... houve um crime hoje. A senhora deve estar sabendo.

– Ouvi somente os tiros. Mas vou logo adiantando que não estava com Antônio naquele momento.

Meu Deus, pensei, será que Antônio fez os disparos?

– Nós sabemos, senhora. Dois índios foram mortos hoje durante a festa.

– Sei... E o que Antônio tem com tudo isso?

– Bem, nos informaram que seu amigo estava próximo ao local e tirou uma fotografia. Precisamos recuperá-la.

– Sério?? Ele estava na festa?

E eu que já estava achando que Antônio era o assassino...

– Precisamos recuperá-la com muita urgência senhora.

– Eu estou à disposição dos senhores. Mas, como os informei, eu acabo de reencontrar Antônio e não sei onde ele estava até o momento.

– Bem, é visível que esse senhor está alterado. Mas vamos ter de interrogá-lo. - disse o policial.

– O senhor fique à vontade - respondi.

Ele se afastou segurando Antônio pelo braço. Eu fiquei ali esperando e de certa forma até achando graça da situação. Fiquei imaginando o policial interrogando Antônio sobre onde estava o equipamento e ele respondendo que estava com um dos pescadores que havia virado estrela logo após um mergulho no São Francisco.

Depois de poucos minutos, o policial retornou.

- Senhora, seu amigo mal sabe qual é o nome dele.

Nem mesmo o policial, que havia se mantido todo formal até aquele momento, aguentou as maluquices de Antônio. Chegou a esboçar um sorriso sarcástico...

- Bem, teremos que levá-lo até o local para, quem sabe, vir à tona algum momento de lucidez.
- Eu posso acompanhá-los?
- Será mesmo necessário. Afinal, a senhora conhece o equipamento e pode nos ajudar a dizer, ao menos, onde viu seu amigo pela última vez.

Voltamos ao galpão onde aconteceu a festa e o crime. Já estava isolado. A população curiosa não podia mais entrar e se acumulava nas redondezas. Eu, “burguesinha” de Brasília, vi pela primeira vez aquela cena chocante. Os corpos estirados e cobertos com lonas pretas. Nem mesmo em meus tempos de cobertura de notícias locais em minha região havia presenciado tão de perto um cadáver. Antônio estava caladão, mais estranho ainda... Vasculhamos pela redondeza e nada do equipamento. A essa altura já eram quase nove horas da noite. E todos já estavam com as feições de que deixariam as buscas para o dia seguinte. E eu confesso que naquele momento só conseguia pensar num banho quente e numa cama bem convidativa.

Resolvemos tomar o caminho de volta quando surgiu um índio, falando uma língua que eu não fazia ideia de qual seria, vindo em direção a Antônio para abraçá-lo como se fossem amigos de infância. Aí é que passamos a entender menos ainda o que estava acontecendo. O índio o abraçou por um bom tempo e fez menção para que o seguíssemos. Vi que até o policial estava desconfiado e com um certo medo da situação. Mas, enfim, ele é a lei e ordenou: - Vamos!, conferindo a arma em sua cintura.

Logo atrás de onde havia ocorrido o crime, avistamos uma fogueira onde outros índios, completamente vestidos, ou melhor, despídos de índio, estavam sentados

bebendo e fumando. Logo nos convidaram para sentar junto com eles em círculo. Lógico que foi um convite gestual, porque continuávamos a não entender nada do que diziam. Só Antônio parecia estar um pouco familiarizado com o ritual de fumaça. E foi logo se sentando e fazendo menção de retomar a prática. Agradecemos o convite e já estávamos nos preparando para “bater em retirada” quando avistei o equipamento, próximo a uma árvore.

– Está ali! - apontei. O equipamento de Antônio!!!!

O policial correu para resgatar a máquina. E todos continuaram ali, inertes, presos ao ritual, com olhares perdidos e momentos de loooongas risadas... sabe-se lá de quê.

Sem estar no momento para entrar no clima do pessoal, saímos mais do que depressa. Na máquina digital estava lá, registrada, a foto do assassino.

Os dois índios mortos foram o pai e irmão do cacique da tribo Truká. Ele, sentindo-se grato por termos ajudado, ou melhor, por Antônio, o azarão, ter conseguido uma prova do crime, nos colocou no melhor hotel da cidade. Na verdade, o melhor hotel da cidade só tinha redes para dormirmos, um bom banho quente e uma refeição maravilhosa. Mas em vista do que eu havia imaginado para o desfecho daquela noite, me senti hospedada em um hotel cinco estrelas.

Depois me informaram que Lúcio e o motorista saíram da cidade, sem olhar pra trás. Também conseguiram reaver a minha bolsa. E aquela noite, eu e Antônio dormimos como dois anjinhos: eu, feliz, por ter a certeza de que conseguiria manter o meu emprego e logo estaria de volta a Brasília ao lado do grande herói da história, e Antônio, mais feliz ainda, imerso em seus pensamentos inocentes e delirantes, sonhando com a bela sereia que continuava a pentear seus cabelos na proa do barco, enviando pobres pescadores mortos nas águas do São Francisco direto para as estrelas.